

## **Tudo É Diálogo: Possíveis Contribuições Entre Comunicação Não-Violenta e As Epistemologias da Comunicação Social<sup>1</sup>**

Luiza Machado TOSCHI<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Pesquisas preliminares nos principais buscadores de publicações atuais apontam que há um crescente interesse público na Comunicação Não-Violenta sem correspondência no campo de investigações epistemológicas da Comunicação Social. A presente pesquisa visa propor diálogos iniciais entre elas e entender como podem contribuir uma para a outra e para a consolidação das comunalidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação não-violenta; comunicação social; epistemologias; diálogo; ciência do comum.

### **CORPO DO TEXTO**

#### **Introdução**

A Comunicação Não-Violenta foi sistematizada a partir da investigação de Marshall Rosenberg sobre quais características dialógicas em uma circunstância influenciavam o desejo e capacidade de colaboração entre as pessoas. O psicólogo, discípulo de Carl Rogers, observou que, a depender da qualidade da linguagem e da “natureza compassiva” num diálogo conflitante, as possibilidades de cooperação entre as pessoas e grupos envolvidos variavam. Foi então que Marshall aprofundou sua pesquisa sobre como a linguagem poderia dar forma para uma transformação nas relações consigo, com o outro e com os sistemas.

Suas questões fundamentais eram:

O que acontece que nos desliga de nossa natureza compassiva, levando-nos a nos comportarmos de maneira violenta e baseada na exploração das outras pessoas? E, inversamente, o que permite que algumas pessoas permaneçam ligadas à sua natureza compassiva mesmo nas circunstâncias mais penosas? (ROSENBERG, 2006).

Segundo o *Center for Nonviolent Communication* (2020), a organização da CNV se iniciou quando Rosenberg buscava disseminar rapidamente habilidades dialógicas para a pacificação em escolas e universidades que abandonavam a segregação racial nos anos 60 nos EUA. Hoje, a prática é utilizada na mediação de conflitos em mais de 60 países.

No Brasil, a Comunicação Não-Violenta fica mais conhecida a partir de 2000 – ano da publicação da primeira edição do livro homônimo. Talvez por conta de seu subtítulo, que a denomina como uma técnica e define como seu objetivo o aprimoramento das relações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso da linha de Mídias e Mediações Socioculturais do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura da ECO/Ufrj, sob orientação do emérito Prof. Dr. Márcio Tavares do Amaral, email: luizatoschi@ufrj.br.

interpessoais, o interesse pelo tema cresce principalmente entre pessoas que buscam relações mais apaziguadas e desejam expressar melhor seus anseios.

O mais importante disseminador da prática no Brasil, o inglês Dominic Barter comenta que a CNV “não é, como às vezes as pessoas pensam, uma maneira de ser simpático nem uma ausência do uso da força, ou de tomada de decisão” (BARTER, 2012). Em suas aparições públicas, Dominic reforça a capacidade que a CNV tem de restaurar e restabelecer o tecido das relações sociais. Em entrevista para A Pública, ele diz:

É um processo de pesquisa e ação que busca criar as condições necessárias para que as pessoas possam colaborar e se entender, construindo as condições mais propícias para a vida, seja na relação delas com elas mesmas, seja nas relações interpessoais. Ou, no terceiro nível, seja na nossa atuação e nossa responsabilidade para criar e manter os sistemas sociais. A CNV é uma proposta de ver esses três elementos intimamente interconectados. (BARTER, 2019)

Em uma tentativa de mapear o crescente interesse público no tema nos últimos anos, checamos o número de publicações que usam o termo “Comunicação Não-Violenta” (com e sem hífen) no Google Acadêmico. O número de publicações anuais em português que citam o termo aumentou de forma significativa a partir de 2013. Tomando-se esse ano como ponto de partida, quando se compara o número total de produções datadas de 2013 e as do ano de 2021, nove anos depois, a quantidade cresce cerca de 11 vezes.

De aproximadamente 2700 documentos com o termo publicados nesta quase década, apenas 221 também falam em “comunicação social”: menos de 10% do total. Transversalmente é possível perceber que os outros documentos se concentram em publicações em áreas como direito, psicologia, pedagogia e saúde. Já no Portal de Periódicos da Capes, dos 36 documentos que citam o termo, nenhum dos dois que o fazem no campo da Comunicação Social abordam suas epistemologias.

Até o momento, encontramos uma revisão de publicações apresentada no Intercom Júnior do Intercom 2021. “Comunicação não violenta: revisão bibliográfica de publicações sobre a CNV no Brasil” organiza as publicações em português que citam “Comunicação Não Violenta” (e variações em seu título, resumo ou palavras-chave) e encontra apenas seis trabalhos acadêmicos na área da Comunicação, englobando resultados de cerca de 10 fontes diferentes.

Por fim, nas pesquisas feitas nos anais das Divisões Temáticas do Intercom Nacional e dos Regionais dos últimos dez anos não encontramos nenhum resultado que cite a Comunicação Não-Violenta em seu título. Isso acontece ainda que na ementa do GP 9 do Intercom Nacional (Comunicação Alteridade e Diversidade) a Comunicação Não-Violenta seja citada. Aqui mora o ineditismo desta investigação.

Com apenas um mês do mestrado iniciado, estamos interessadas em reconhecer caminhos para compreender o que da Comunicação Não-Violenta pode interessar para as epistemologias da Comunicação Social.

### **Fundamentação Teórica**

Muniz Sodré, em *A Ciência do Comum*, explica que a dificuldade de se compreender epistemologicamente o campo de pesquisa em Comunicação Social se deve à diversidade

temática de estudos que se associam a ele. Essa dispersão cognitiva é o motor de sua fragmentação, mas também o retrato da riqueza semiótica da Comunicação Social.

Um entendimento compartilhado entre Sodré e D’Amaral é que a instrumentalização da comunicação se deve ao seu resumo às questões midiáticas e tecnológicas e à sobreposição da importância dos estudos da informação em relação aos estudos da comunicação nas últimas décadas. D’Amaral vai indicar que este fenômeno tem relação direta com o que chamará de globalização pelo consumo.

Esse sistema do capitalismo financeiro é extremamente refinado. Ele produz riqueza virtual, mas que pode quebrar a qualquer momento. E isso é acompanhado por uma globalização tecnológica, na ordem do consumo, que converte o mundo num mercado de tudo. E de tudo é tudo. Não são só bens e serviços. São valores, subjetividades, pessoas, corpos. Tudo cabe nas demandas do mercado-mundo. (D’AMARAL, 2020)

Para Sodré, essa instrumentalização provocou um desvio conceitual que limita ao mesmo tempo que confunde a perspectiva específica da Comunicação Social. Ele defende um retorno epistemológico à comunalidade para que se fortaleça seu campo de pesquisa e a função social da comunicação se reestabeleça. Este caminho é reforçado pelo filósofo Antonio Negri em *A Constituição do Comum*, “ampliar o conceito de comum e recuperar uma série de tradições de luta, de pensamento e, sobretudo, de consistência biopolítica” fortalece as transformações do mundo, a construção da democracia.

No entanto, a pesquisa sobre a Comunicação Não-Violenta, como visto, está pouco presente na ciência da comunicação ainda que apresentem proximidades, a ver.

Para organizar sua prática, Marshall nomeia quatro fundamentos da Comunicação Não-Violenta. Observação, sentimentos, necessidades e pedidos seriam as chaves de compreensão da prática, e seriam apreensíveis a partir de diferenciações.

Ao investigar a observação, Rosenberg convida para o reconhecimento da diferença entre o que acontece e o que pensamos sobre o que acontece. Para Marshall, a intencionalidade de observar reduzindo a intensidade do apego às próprias opiniões nutre o território compartilhado. Contemplar seria, portanto, um exercício de humildade para encontrar a comunalidade na realidade. Todas as questões atuais da pós-Verdade podem ser olhadas a partir dessas questões.

A percepção da diferenciação entre sentimentos e pensamentos é um convite de Marshall a uma atenção ao que acontece no corpo, os sentimentos. Evita-se o sobrevoos dos pensamentos, que por estarem colonizados por julgamentos e opiniões que muitas vezes não reconhecemos de onde vêm, tendem a deslocar a atenção do que acontece. Ainda que Rosenberg seja um homem branco criando entre negros, observa-se um possível tensionamento com o entendimento de Muniz Sodré em *Pensar Nagô* sobre o pensar incorporado a partir dos sentimentos, sendo estes um sinal de uma relação multivetorial entre homem e mundo. Talvez seja possível interpretar que Marshall propõe uma micropolítica de aproximação com o real a partir do corpo.

Já as necessidades são valores que sustentam e dão sentido à vida, lembrando as intensidades e a potencialização da vida de Deleuze e Guattari. A hipótese de Marshall é que as necessidades funcionam como princípios, motivações para as ações humanas.

Motivações são necessidades, ações são estratégias - particularidades individuais, históricas e culturais. As estratégias muitas vezes são confundidas com as necessidades na medida do apego à forma de agir que se considera mais adequada para alcançar o que é importante para si.

Sobre a demanda, uma pessoa ou grupo exerce poder sobre a outro. Os pedidos seriam uma solicitação aberta para não ser atendida e transformada de acordo com a interação. O diálogo só acontece entre pessoas ou grupos livres para colaborar entre si ou não.

Atravessando estes territórios compartilhados, a qualidade da comunicação entre os indivíduos e o que se produz como efeito social é transformador. Trata-se do tal bem comum que esta pesquisa tentará circunscrever.

### Hipóteses iniciais

Supõe-se que este afastamento teórico se dê graças ao entendimento geral da CNV como método linguístico ou ferramenta relacional. Sua abordagem ética do conflito como imprescindível às relações pessoais e sociais; visão da diferença como oportunidade de vinculação e sobrevivência; busca por uma expressão radical dos afetos; e recusa às opressões invisibilizadas nas mais diversas facetas do capitalismo são enfraquecidas por essa instrumentalização de suas proposições.

A presente pesquisa visa o aprofundamento teórico da CNV e da comunicação, percebendo semelhanças e diferenças enquanto contribui para retornar ambas a seus logos. Afirmar a força de ação para o comum poderia contribuir para o convite que nos faz Sodré em relação à Comunicação Social? Se compreendermos a força da partilha e da mobilização dos afetos que o diálogo a partir da Comunicação Não-Violenta promove, será possível localizá-la como uma prática que contribui para as epistemologias da Comunicação Social?

### REFERÊNCIAS

- ABOUT Marshall Rosenberg, Ph.D. (1934-2015), **Our Founder**. In: The Center for Nonviolent Communication, 2020. Disponível em: [www.cnvc.org/about/marshall](http://www.cnvc.org/about/marshall). Acesso em 12 abr 2023.
- AMARAL, M. T. D'. **A ressurreição do sol**: a filosofia e a vida comum no contexto cultural-comunicacional pós-moderno. IDEA/ ECo-UFRJ, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Comunicação e Diferença**: uma filosofia de guerra para uso dos homens comuns. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Religar o pensamento à vida**: apresentação do Curso e a questão da pandemia. Curso de Comunicação e História do Pensamento do PPGCom, aula 1, 12/08/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FxHi-SzYVME>. Acesso em 12 abr 2023.
- \_\_\_\_\_. **Do Real e da Verdade no contexto da pós-verdade**: o que Aristóteles tem a ensinar. Aula 1 do Curso de Comunicação e História do Pensamento do PPGCom, 14/09/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTPZa9OgmZo>. Acesso em 12 abr 2023.
- BARTER, D. **Entrevista no Youtube**. Upload em 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-krT6JI9RMA&t=5s>. Acesso em 03 out 2022.
- \_\_\_\_\_. **Dominic Barter: Nossa cultura tem medo do conflito**. A Pública, 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/06/dominic-barter-nossa-cultura-tem-medo-do-conflito> . Acesso em 03 out 2022

MULLER, J-M. **O princípio da não-violência**. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

NEGRI, A. **A Constituição do Comum**. Conferência Inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo – Economia do Conhecimento e a Constituição do Comum. Rio de Janeiro: 24 e 25 out 2005.

OLIVEIRA, M. L. P. de.; ALBUQUERQUE, D. L. L.; CAJU, M. C. S.; GOMES, M. C. T.; SOUZA, Y. A. B. de. **Comunicação não violenta: revisão bibliográfica de publicações sobre a CNV no Brasil**. IJ03 - Relações Públicas e Comunicação Organizacional, da Intercom Júnior - XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 4 a 9 out 2021. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij03/dara-luana-lima-albuquerque.pdf>. Acesso em 27 set 2022.

RIBEIRO, L. P.; SEIBT, C. L. **Para além do certo e errado, do bem e do mal: conhecendo melhor Marshall Rosenberg e seu processo de construção da Comunicação Não-Violenta**. Signos, Lajeado, ano 42, n. 1, p. 75-98, 2021.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Comunicação Não Violenta**. Vídeo, 2000. Disponível em:

[https://youtu.be/uxABJFS1\\_j8](https://youtu.be/uxABJFS1_j8). Acesso em 23 ago 2022.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.